

ESTUDOS SOBRE AS NOVAS GERAÇÕES E A SOCIEDADE CAPITALISTA PÓS-INDUSTRIAL⁵¹

Leandro Queiroz Borges⁵²
Prof. Dr. Marcelo Pessoa⁵³

RESUMO: Neste artigo, ao estudarmos a sociedade capitalista, adotamos uma perspectiva teórica pós-colonial, pois cremos que a delimitação da economia e da cultura pós-industrial aqui empreendida se encaixaria melhor nesse arcabouço teórico. Neste recorte, fizemos uma prospecção bibliográfica dos novos modelos de gestão e de relacionamento que surgiram a partir do declínio das estruturas tayloristas e fordistas, vigentes na sociedade capitalista até meados do século XX. Justifica nossa pesquisa, o fato de que o ocaso dos antigos modelos societários (cisão marcada pelas Revoluções Francesa e Revolução Industrial) colocou em pauta um novo contingente de necessidades humanas, sobre as quais a recente crítica sociológica tem se debruçado. Como eixo principal dos resultados, destacamos a ideia de que, hoje, numa sociedade que vive sob as forças de transformação e de ruptura demandadas pela pós-modernidade, ainda se espera, apesar disso e também de uma conjuntura de desvalorização e degradação humana, que seja possível que se encontre uma saída menos degradante para a subsistência da espécie. Isso acontecerá por meio de uma alimentação orgânica, da preocupação com o sustentável e uso racional dos recursos naturais, elementos estes que são marcas bem fortes das “novas gerações”.

PALAVRAS-CHAVE: Sociedade, Capitalismo, Novas Gerações.

ABSTRACT: In this article, as we study the capitalist society, adopt a post-colonial theoretical perspective, because we believe that the demarcation of economy and post-industrial culture here undertaken would fit better in this theoretical. In this clipping, we did a bibliographic exploration of new models of management and relationship that emerged from the decline of the Taylorism and Fordism structures, in force in capitalist society until the mid-20th century. Justify our research, the fact that the sunset of the old models companies (Division marked by the French Revolution and the Industrial Revolution) put on the agenda a new contingent of human needs, on which the recent sociological criticism has been perched. As the main axis of the results, we highlight the idea that today, in a society that lives under the transformation and rupture forces demanded by post-modernity, yet still expected, and also an environment of devaluation and human degradation, it is possible that a less degrading output for the subsistence of the species. That's going to happen through an organic feeding, concern for the sustainable and rational use of natural resources, these elements are strong brands of the "new generation".

KEYWORDS: Society, Capitalism, New Generations.

INTRODUÇÃO

A construção do presente trabalho deve-se à premissa de que, no cerne da sistematização do conhecimento humano, as “noções fundamentais da

⁵¹ Este texto é uma versão revisada e ampliada do resultado do trabalho de pesquisa de iniciação científica realizada com bolsa da FAPEMIG – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais.

⁵² Discente do Curso de Administração, da UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal.

⁵³ Orientador do Programa de Pós-Graduação da FaPP. Docente na UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Frutal. Desenvolve Projeto de Pesquisa com o apoio da UEMG e do Estado de Minas Gerais, via prêmio de fomento à pesquisa docente obtido por meio do Edital PAPq 08/2015.

ciência são de origem religiosa” (DURKHEIM, 2003, p. 479) e, particularmente no que o conhecimento sobre gestão de pessoas coincide com a essência do pensamento religioso é que nossa pesquisa se detém, já que entendemos que pode ser por meio desta área que se exprima uma inequívoca busca de compreensão da realidade social.

Vemos, com isso, que justifica nosso trabalho, a possibilidade teórica de compreensão desse fato, que se deu quando se demonstrou que a sociedade pós-industrial e as organizações empresárias que a compõem poderiam constituir um modelo interpretativo da realidade por meio dos estudos da nascente Sociologia.

Ao lado disso, a partir do *boom* pós-industrial, novas dinâmicas de relacionamento interpessoal e novos modelos de gestão empresarial passaram a integrar a pauta de preocupações da sociedade, uma vez que não apenas a maneira como esta é “constituída e organizada, sua morfologia, suas instituições religiosas, morais, econômicas, etc.” (DURKHEIM, 2003, p. XXIII) sofreram transformações, mas, também, as pessoas, as quais viram surgir o ocupar de espaço relevante, pelas chamadas “novas gerações”, figurativamente designadas como “*baby boomers*”, “geração X”, “geração Y”, “geração Z”, “geração W”, “geração de cristal” etc.

Neste contexto, impuseram-se um sincretismo entre as teorias organizacionais que obtivessem os melhores resultados para a economia, seus aspectos técnicos e as abordagens modernas de gestão. Por conseguinte, surge também a necessidade de se detectar, analisar e consolidar as bases e os princípios que nos permitiriam objetivá-lo.

No primeiro tópico do artigo, fazemos uma breve exposição sobre a moral social de Émile Durkheim, privilegiando iluminar de seu texto original (*A educação moral*, 2008), aquilo que nos seja mais importante para a conformação da sociedade pós-industrial.

Neste sentido, na segunda parte de nosso artigo, apresentamos um descritivo das chamadas “novas gerações”, declinando suas características e determinando o seu lugar no tempo histórico. Neste momento do texto,

também, veremos que as transformações das condições sociais, culturais e espaciais determinam, de algum modo, os comportamentos das pessoas em suas interações.

Ainda na segunda seção, temos que o método bibliográfico exploratório comparado permitiu-nos empreender um estudo sistemático sobre ética, sociedade, cultura e gestão organizacional, aplicando-se a tais leituras e pesquisas as categorias pós-coloniais e pós-industriais, presentes em Bell (1973). Da lide com este recorte derivou a Figura 1 e, nela, inscreve-se uma prospecção dos novos modelos de gestão e de relacionamento que surgiram a partir do declínio das estruturas tayloristas e fordistas, até então vigentes na sociedade capitalista de meados do século XX.

Já, a partir da terceira etapa, iniciamos nosso tratamento dos dados essenciais da pesquisa. Em seguida, conduzimos o leitor para a leitura de nossas conclusões e também para a apresentação de nosso referencial bibliográfico.

INTERMEZZO MORAL E SOCIAL DURKHEIMNIANO

De acordo com Durkheim (2008), o reino moral é uma realidade natural constituída por um sistema de “fatos reais e relativamente autônomos – posto que são influenciados de forma distinta pelos acontecimentos em cada sociedade”, entre os quais existe uma ordem determinada que mantém a “regularidade e permanência” existente nas relações humanas que, por seu turno, estão em consonância com as “mesmas combinações de circunstâncias que se repetem periodicamente”, assegurando à vida social uma certa uniformidade.

Não obstante, temos que isso redundará numa redução das possibilidades morais à ordem constante de sucessão de fatos determinados pela vida social. Por conseguinte, pelo ideal social, pede-se que a moral participe do ideal pessoal, fato que transforma os estados de opinião e modos de ação dos

indivíduos numa *forma mundi*. Assim, as mesmas combinações de circunstâncias não se repetem duas vezes de maneira idêntica, podendo-se inferir que a ordem aproximada e a contingência são dados da experiência aplicáveis à “regularidade relativa” da conduta.

Mais especificamente, ao exprimir a realidade moral por meio da linguagem racional, considerando-a como um sistema de regras precisas, definidas e particulares, que por precederem ao indivíduo agem mais sobre ele do que ele sobre elas, e, predeterminam a sua conduta ao prefigurar os mais diversos casos regidos pelas mesmas, “se impondo a ele a partir de fora, não mediante a uma força racional, mas em virtude do ascendente presente nelas”, Durkheim faz o uso da prescritividade.

Nisso, de acordo com Hare (2003, p. 08), o prescritivista reconhece que os “princípios e juízos morais” orientam a conduta, pois estão em razão de fazê-lo. Ora, “se a razão pela qual as ações, de uma maneira peculiar, são reveladoras de princípios morais é que a função dos princípios morais é orientar a conduta” e, “todo hábito coletivo apresenta quase que inevitavelmente certo caráter moral”, uma vez que agir moralmente é agir em conformidade com uma regra que se impõe ao indivíduo em virtude do elemento moral nela predominante (DURKHEIM, 2008), então, quase todo hábito coletivo, fundamentalmente aqueles que estão no “conjunto geral das relações humanas”, são reveladores de um ou outro elemento moral que predomina no “temperamento moral do sujeito”. Logo, ocorrendo as mesmas variações na sociedade, “conforme o elemento predominante, a vida moral muda de aspecto”.

AS NOVAS GERAÇÕES E O SEU LUGAR NO MUNDO

A partir de agora, delineamos, no quadro abaixo, uma síntese do perfil dessas novas gerações, à luz daquilo que pudemos verificar no aporte bibliográfico que trata do assunto, especialmente recortados naquilo que nos

interessa para a compreensão do que seja a sociedade capitalista pós-industrial e o modo como as pessoas são formatadas dentro desta estrutura.

Figura 1

Histórico das principais teorias organizacionais	Principais características das escolas de gestão	Conexão das teorias e das escolas com o perfil geracional
Escola da administração científica (1911/1913)	Divisão do trabalho e conseguinte especialização das pessoas	Baby Boomers, “X”, “Y”, “Z” e “Alpha”
Escola clássica (1916)	Estrutura organizacional e funções do administrador	Baby Boomers, “X”, “Y”, “Z” e “Alpha”
Abordagem comportamental (1930)	Ênfase em compreender e conhecer as pessoas para poder motivá-las	“X” e “Y”
Abordagem sistêmica (1930)	Organização como um todo integrado por partes que interagem entre si e o ambiente externo	Baby Boomers, “X”, “Y”
Teoria da burocracia (1940)	“Formalização, divisão do trabalho, hierarquia, impessoalidade, profissionalização e competências técnicas dos funcionários”	Baby Boomers, “X”, “Y”, “Z” e “Alpha”
Administração participativa (1945)	Dinamização da empresa por meio do capital social organizacional em razão das tarefas, dos indivíduos e dos trabalhadores	“X” e “Y”
Teoria da contingência (1950)	Várias alternativas de desenvolver a estrutura organizacional	Baby Boomers, “X”, “Y”, “Z” e “Alpha”
Administração japonesa (1970)	Aprimoramento contínuo em todos aspectos, eliminação de desperdícios, administração participativa e “sincronização do fluxo de produção, dos fornecedores aos clientes”	Baby Boomers, “X”, “Y”, “Z” e “Alpha”
Abordagem holística (1982)	Interligação e interdependência de todos os sistemas sociais e econômicos, ambos estando ao mesmo tempo em uma tendência integrativa e auto	Baby Boomers, “X”, “Y”

	afirmativa	
Administração empreendedora (1987)	Busca pelo desequilíbrio dinâmico provocado por meio da inovação e pela disposição de reagir a situações críticas como oportunidades	Baby Boomers, “X”, “Y”, “Z” e “Alpha”
Administração virtual (1993)	Processamento de informações em tempo real, integração de todas as inovações de modelos de gestão e confiança nos relacionamentos	Baby Boomers, “X”, “Y”

TRATAMENTO DOS DADOS

Numa comparação entre as gerações *Baby Boomers*, “X”, “Y”, “Z” e “Alpha”, tem-se que a partir da Geração “Y”, os indivíduos apresentam maiores restrições com relação a sua adaptabilidade às teorias organizacionais que exigem um índice mais elevado de relações interpessoais.

Nota-se que o ocaso dos antigos modelos colocou em pauta um novo contingente de necessidades humanas, sobre as quais a crítica sociológica tem se debruçado; visto que de uma sociedade na qual há a parusia de forças como a da transformação e da ruptura contínua, ambas induzidas em decorrência do que Sennett (2008, p. 117) denominara de “uma economia política continuamente replanejada, que detesta a rotina e de curto prazo”.

Advém daí, então, a necessidade humana de manter relações interpessoais constantes “e objetivos duráveis”. Não obstante, as organizações incorporam e refletem em seus processos todos os desconfortos da sociedade pós-industrial, como quando os administradores objetivam que todos façam o trabalho juntos, evitando à contestação interna, de modo que “o poder está presente nas cenas superficiais de trabalho em equipe, mas a autoridade está ausente” (SENNETT, 2008, p. 136).

Com efeito, à medida em que um *modus vivendi* individualizante tem se erigido sobre as ruínas das virtudes éticas do caráter coletivo, tem-se elevado a

depreciação do capital social, não só no âmbito organizacional, mas da própria sociedade que se encontra em um “estado de astenia moral”.

Outro dado que consubstancia nossa investigação, pode ser abstraído a partir do fato de que, se observarmos a evolução do mundo a partir de um recorte das transformações sociais e culturais absorvidas pela sociedade ao longo de seis mil anos, veremos que, num período que se estende do início da cultura letrada, e que pode ir até o início do século XIX ou meados do século XX, o que vivemos atualmente com as “novas gerações” não encontra precedentes históricos nem em extensão e nem em intensidade, condicionante que tem reflexos muito fortes e determinantes quanto ao modo de gerir ou de se relacionar dentro e fora das organizações empresárias.

Especificamente, então, por meio dos citados estudos sistemáticos, com ênfase aos comportamentos das pessoas em suas interações, e, também por meio da utilização do método indutivo, viabilizou-se a aproximação dos fenômenos interpessoais concernentes a cada uma das gerações, que em conjunto, detêm o predomínio populacional da sociedade pós-industrial.

Aproximação dos dados coletados aos objetivos da pesquisa

Ao trabalharmos os dados formatados e apresentados na Figura 1, percebemos que as relações existentes entre eles, dão-se de modo que, cada qual, aplicada à luz das disposições fundamentais da moralidade, possibilitou a identificação do temperamento moral de cada geração. Assim, o quadro abaixo reflete o modo como entendemos em nossa investigação, do que sejam as novas gerações, à luz da sociedade pós-industrial:

Figura 2

Histórico das gerações	Características	Adaptabilidade à sociedade pós-industrial
Baby Boomers (1945 e	Adesão aos grupos sociais/	Restrita

1960)	Autoridade racional	
Geração “X” (1965 e 1984)	Espírito da disciplina/ Autoridade racional	Parcial
Geração “Y” (1980 e 1990)	Adesão aos grupos sociais/ Autoridade individualista	Ampla
Geração “Z e Alpha” (1996 e 2007)	Espírito da disciplina/ Autoridade individualista	Ilimitada

Desse modo, fica fácil perceber que a sociedade pós-industrial formou-se a partir de grandes transformações, item visível na coluna da direita da Figura 2, quanto ao modo de gerir ou de se relacionar dentro e fora das organizações empresárias.

Ressaltamos ainda, que as relações existentes entre os comportamentos geracionais dão-se de modo que podem ser generalizadas e, por conseguinte, aplicadas à luz das disposições fundamentais da moralidade, o que possibilitou a identificação das características predominantes no temperamento moral de cada geração.

Constata-se, que as “novas gerações” tendem a apresentar um temperamento moral que representa as suas gerações predecessoras, mas que, no entanto, ambas possuem nuances e características da formação de seu caráter moral, o que assegura sua relativa adaptabilidade à sociedade pós-industrial.

CONCLUSÕES

Com efeito, pelo fato dos juízos e preceitos morais predeterminarem a conduta em dadas situações, Durkheim (2008) deduz que a força imperativa contida neles não implica que a ação deva ser de uma maneira ou de outra, mas atribui à regularidade contida nos princípios morais a qualidade de ser uma das disposições fundamentais da moralidade, o “análogo moral da periodicidade orgânica”, que objetiva reduzir o “grau de incerteza e contingência da ação” por meio da autoridade eminente que lhe precede e desta possui imanência.

Ora, as noções fundamentais da moralidade, das ciências e da filosofia são de origem religiosa, particularmente no que diz respeito à religiosidade nas sociedades primitivas, grupamentos em que especificamente impunham-na aos seus membros de modo que o caráter obrigatório da religião teve como consequência remota a obrigatoriedade da moral. Por mais que não a tivera como objeto, a moral, a obrigatoriedade estava em razão de sua autoridade, da religiosidade manifestada pelos seus representantes (DURKHEIM, 2003).

Logo, adotamos como premissa que a moral representada pelo Estado capitalista se apoia no individualismo ou no racionalismo, marcas bem fortes das novas gerações, sendo que “entre ambos não há apenas um desenvolvimento paralelo, mas, o segundo age sobre o primeiro e o estimula”. Assim, uma das disposições fundamentais da moralidade que utilizamos para enquadrar os comportamentos das pessoas que integram as gerações analisadas, foi o “espírito da disciplina”, que pressupõe uma combinação entre regularidade e autoridade, de modo que a segunda é eminente e contém imanência da primeira e, daí, a imposição, o dever e o constrangimento existentes na moral.

Ao buscar-se a origem do homem em antepassados que vivessem nas sociedades primitivas, identifica-se que esse, “o mais social dos animais” (ENGELS apud ANTUNES, 2004, p. 18), atribuíra à personalidade individual, até então pouco acentuada, pouco valor (DURKHEIM, 2003, p. 469).

Com efeito, se outrora Durkheim atribuíra à sociedade a qualidade de ser algo mais do que a “mera soma dos indivíduos”, considerando-a como o “fim moral da conduta moral”, é porque a própria sociedade precede e “eleva o indivíduo acima de si mesmos” (e era assim até o advento da geração Baby Boomer).

O conjunto de bens intelectuais que constitui a civilização, uma obra da sociedade, faz o homem. Assim, para determinar a “adesão (attachment) aos grupos sociais”, a segunda categoria que utilizamos, coube considerar o princípio geral de que “somos seres morais somente na medida em que somos seres sociais”, e, que o indivíduo “só é verdadeiramente ele mesmo, sob a

condição de se simpatizar, respeitar, admirar e se vincular à sociedade” (DURKHEIM, 2008).

Se como supusera Durkheim (2008, p. 42 e p. 113), a moral se mantém constante desde que a observação não abranja um longo período de tempo e, os traços essenciais da mesma já estão definidos quando se nasce, então, adotamos a hipótese de que as “novas gerações” tendem a apresentar um temperamento moral que representa as suas gerações predecessoras, bem como o temperamento moral da personalidade coletiva concernente à sociedade em que se encontram. E, se assim for, como explicar a diferença de adesão e de preferência aos modelos de gestão que gerações tão próximas e, ao mesmo tempo, tão distintas, apresentam entre si, como é o que ocorre entre a Geração “X” e a Geração “Y”?

Talvez explique-se este fato, pela ideia de que as categorias fundamentais do pensamento humano “mudam conforme os lugares e as épocas”, impondo seu conformismo lógico e moral ao homem. Assim, a autoridade individualista na qual o *habitus* de consumo, da “comodificação e recomodificação do trabalho e do capital – *raison d'être* do Estado capitalista” (HABERMAS apud BAUMAN, 2008, p. 14) – se apoiam, implica a imanência de valores de uso na conduta dos indivíduos que integram a sociedade pós-industrial. E, como “X” e “Y” são típicos sujeitos pós-industriais, se encontram naquilo que os conformam coletivamente, e se distanciam, naquilo que formam individualmente.

Conclusivamente, uma vez que a conduta é reveladora dos princípios morais, pois é função desses orientar a conduta (HARE, 2003), torna-se cognoscível que a utilidade e a satisfação, fatores que também centralizam os movimentos exteriores citados por Bauman (2008, p. 23 e p. 32) como as “relações puras” e o “fetichismo da subjetividade”, estejam em *koinonía* ou comunhão com as disposições fundamentais da moralidade.

Logo, se a finalidade da conduta moral é a adesão aos grupos sociais e, cada agrupamento humano possui “dignidade moral” diferente por não desempenhar um papel igualmente valoroso na vida coletiva, a sociedade que

se encontra acima dos interesses individuais é a “sociedade dos consumidores”, a qual além de ter como característica predominante a dependência dos setores primário e secundário para com o terciário, esse mediador que ocupa o “espaço que se estende entre indivíduos cada vez mais competitivos”, detém também valores de uso relacionados à utilidade e à satisfação como condições sociais determinantes ao ideal social, que por seu turno, ao “encarnar” nos indivíduos possui participação no ideal pessoal e no desenvolvimento de personalidades individuais cada vez mais acentuadas.

Assim, o resumo desses indivíduos se apresenta como a “síntese sui generis das consciências particulares”, a qual sendo mais do que um simples agrupamento humano, possui uma personalidade coletiva cujo predomínio do “espírito da disciplina” se apoia na autoridade individualista.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. (Org.) *A dialética do trabalho*: Escritos de Marx e Engels. 1ª ed., São Paulo: Expressão Popular, 2004.

BAUMAN, Z. *Vida para consumo*: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BELL, D. *The Coming of Post Industrial Society*: a venture in social forecasting. EUA: Harvard Press, 1973.

DURKHEIM, E. *A educação moral*. Petrópolis: Vozes, 2008.

DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERREIRA, A.A. *Gestão empresarial*: de Taylor aos nossos dias: evolução e tendências da moderna administração de empresas. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

HARE, R. M. *A linguagem da moral*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HARE, R. M. *Ética*: problemas e propostas. São Paulo: Unesp, 2003.

LACOMBE, F.J.M. *Administração*: princípios e tendências. São Paulo: Saraiva, 2009.

SENNETT, R. *A Corrosão do Caráter*: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2008.